



Lucas Nascimento
Tania Clemente de Souza
(organizadores)

gramática(s)
e
discurso(s)
ensaios críticos

MERCADO®
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gramática(s) e discurso(s) : ensaios críticos / Lucas Nascimento,
Tania Conceição Clemente de Souza (organizadores). – Campinas,
SP : Mercado de Letras, 2018.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-539-4

1. Análise do discurso 2. Língua portuguesa 3. Linguagem e
línguas 4. Linguística 5. Português - Gramática I. Nascimento,
Lucas. II. Souza, Tania Conceição Clemente de.

18-21963

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:
Análise do discurso : Linguística 410

capa e gerência editorial: Vandê Rotta Gomide
foto de capa: Marina Meirelles Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão final dos autores
bibliotecária: Maria Alice Ferreira – CRB-8/7964

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®
V.R. GOMIDE ME
Rua João da Cruz e Souza, 53
Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116
Campinas SP Brasil
www.mercado-de-letras.com.br
livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2019

IMPRESSÃO DIGITAL
IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
INTRODUÇÃO.....	15
Ensaio 1	
HISTÓRIA DAS IDEIAS LINGUÍSTICAS	31
<i>José Edicarlos de Aquino</i>	
Ensaio 2	
HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA.....	67
<i>Lucas Nascimento</i>	
Ensaio 3	
MORFOLOGIA.....	93
<i>Maria Carlota Rosa e Katia Abreu</i>	
Ensaio 4	
FONOLOGIA E FENÔMENOS SEGMENTAIS IDENTITÁRIOS.....	115
<i>Gean Nunes Damulakis e Jaqueline dos Santos Peixoto</i>	

LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada (In) disciplinar*. São Paulo: Parábola.

MAKONI, S. e MEINHOF, U. (2006). "Linguística Aplicada na África: desconstruindo a noção de 'língua'", in: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada (In) disciplinar*. São Paulo: Parábola.

MOITA LOPES, L. P. (2006). "Uma Linguística Aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado", in: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada (In) disciplinar*. São Paulo: Parábola.

PENNYCOOK, A. (2006). "Uma Linguística aplicada transgressiva", in: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada (In) disciplinar*. São Paulo: Parábola.

_____. (2007). "Performance and Performativity", in: PENNYCOOK, A. *Global Englishes and Transcultural Flows*. Nova York: Routledge.

PEZATTI, E. G. (1989). "A Gramática da derivação sufixal: três casos exemplares." *Alfa*, 33, São Paulo, pp. 103-114.

RIO-TORTO, G. M. (2005). "Organização de redes estruturais em morfologia", in: *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Porto: Organização Secção de Linguística, Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 219-235.

SANDMANN, A. J. (1980). "A expressão da perjoratividade." *Letra*, (38). Curitiba: UFPR, pp. 67-82.

WOOLARD, K. (2008). "Why dat now? Linguistic-anthropological contributions to the explanation of sociolinguistic icons and change." *Journal of Sociolinguistics*, 12/4, Blackwell, pp. 432-452.

Ensaio 10

LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Sara Regina Scotta Cabral

Cristiane Fuzei

Eu sou quem sou, porque somos todos nós!

Considerações iniciais

Várias definições têm sido atribuídas ao termo "discurso". As concepções variam de acordo com o conceito de linguagem que cada um adota e compartilha com seus pares. Um exemplo é este volume, no qual o leitor encontrará inúmeras abordagens e relações entre discursos e manifestações linguageiras.

O fundamento epistemológico que norteia este capítulo é a Linguística Sistêmico-Funcional, preconizada por Halliday e seus seguidores. Vários núcleos de pesquisa têm se formado no mundo inteiro, e no Brasil não é diferente. Halliday (1985, 1994)

1. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia)). Acesso em: 17/06/2017.

concebe a linguagem como um sistema sociosemiótico com o qual o homem constrói sua experiência. Interessa a esta teoria a linguagem em uso, e o exame do discurso dos usuários leva os pesquisadores a buscarem construir os sistemas que estruturam as línguas e nelas são recorrentes. As manifestações de linguagem nas mais diversas formas de instanciação constituem redes de sistemas disponíveis ao falante/escritor para fazer suas escolhas a fim de representar experiências, estabelecer relações interpessoais e organizar a mensagem.

O resultado das escolhas é a manifestação de um discurso carregado de significados que deixam transparecer o contexto de situação em que o texto é produzido, mas também o contexto de cultura cujos valores e ideologias tornam-se realidade. Os estudos de discurso, na perspectiva hallidayana, contribuem para a identificação de vários sistemas que concorrem para a sua realização.

Martin e Ringham assim definem o que é discurso para Halliday:

uma unidade de linguagem maior que uma sentença e que está firmemente orientado por um contexto específico. Há muitos tipos de discurso com esse rótulo, tais como discurso acadêmico, discurso legal, discurso da mídia, etc. Cada tipo de discurso possui seus traços característicos próprios.* (Martin e Ringham 2006, p. 66)

* As traduções aqui apresentadas são de responsabilidade das autoras.

Essa definição de “discurso” dá ênfase ao modo como os significados contextuais, tanto de cultura quanto de situação, manifestam-se quando alguém fala,² para quem fala, sobre o que fala, onde fala e de que modo fala. Halliday e Matthiessen (1999,

2. Citamos aqui “fala” como um termo geral, mas ao fazê-lo também queremos incluir todas as outras manifestações da linguagem humana: escrita, desenho, gesto, movimento, pintura, etc.

p. 24) também esclarecem que a produção de discurso por um falante ou escritor

pode ser vista como dialética entre duas atividades semióticas: entre (i) reciclar elementos, figuras e sequências que o indivíduo já usou antes muitas vezes, de modo que, para ele, elas já estão completamente codificadas e (ii) construir novas que estão sendo codificadas pela primeira vez e algumas das quais devem permanecer codificadas para uso futuro – especialmente com um criança que está aprendendo o sistema.

Este capítulo ocupa-se, particularmente, em realizar uma análise de discurso, tomando por base os seis sistemas discursivos desenvolvidos por Martin e Rose (2007) com base na obra de Halliday (1985, 1994) e também naquela em parceria com Matthiessen (2004, 2014). Desenvolvemos, aqui, uma análise de uma estória³ sobre usos e costumes de uma tribo africana, para o que submetemos os construtos dos sistemas de Ideação, Conjunção, Identificação, Periodicidade, Negociação e Avaliatividade, recobrando as três metafunções da linguagem: ideacional, textual e interpessoal. Os sistemas discursivos são apresentados paralelamente à análise de discurso propriamente dita do texto selecionado. Por fim, fazemos algumas considerações sobre os resultados obtidos na análise.

Texto e contexto de análise

Para que a análise de discurso que pretendemos fazer fosse realmente eficaz, buscamos informações sobre o contexto de produção de um texto anteriormente selecionado por nós na página criada por Márcio Okabe, *webinsider*, blogueiro e consultor

3. Usamos a palavra “estória” em alusão a gêneros da família das estórias, conforme Martin e Rose (2008), que têm o propósito de envolver ou entreter o ouvinte/leitor, em contraste com aos gêneros das “histórias”, da família dos textos factuais, cujo propósito é informar.

de *marketing* digital. Com o título “Sobre fórmula de lançamentos e infoprodutos”, Okabe propõe uma reflexão sobre a crescente disputa na informática empresarial com a crescente oferta de estratégias de *marketing* e vídeos com cursos que oferecem alternativas para superar a crise no setor empresarial.

Dentre os textos que fazem parte da página de Okabe, encontramos “Ubuntu”, uma estória acerca do comportamento de um grupo de crianças africanas (Figura 1). Tal estória⁴ serve aos propósitos de Okabe, que acredita que somente com a união todos um empreendimento poderá ter sucesso.

FIGURA 1 – Texto selecionado para análise

Ubuntu

Esta história ilustra bem a ideia que desejo transmitir.

Um antropólogo que estudava os usos e costumes de uma tribo africana propôs uma brincadeira inofensiva às crianças. Encheu um pote com doces e guloseimas e colocou-o debaixo de uma árvore. Depois, chamou as crianças e combinou que, quando desse o sinal, elas corriam para o pote e a que chegasse primeiro ficava com todos os doces que estavam lá dentro. As crianças se posicionaram na linha de partida que ele desenhava no chão e esperaram pelo sinal combinado.

Quando deu o sinal, todas as crianças deram as mãos e começaram a correr em direção à árvore onde estava o pote. Quando lá chegaram, distribuíram os doces entre si e começaram a comê-los.

O antropólogo foi ter com as crianças e perguntou por que razão tinham ido todos juntos quando o primeiro a chegar ficaria com tudo que havia no pote e assim comeria muito mais doces.

As crianças responderam: “Ubuntu, tio. Como poderia um de nós ficar feliz se todos os outros estivessem tristes?”

Ele ficou desconcertado! Meses e meses a trabalhar, estudando a tribo, e não tinha compreendido, de verdade, a essência daquele povo. Ou jamais teria proposto a competição...

Fonte: Disponível em: <https://webinsider.com.br/2017/06/03/sobre-formula-de-lancamento-e-infoprodutos/>. Acesso em: 17/06/2017.

4. Numa busca rápida pelo Google, é possível encontrar essa estória em diversos outros sites na internet, associada a diversas finalidades, e em todas não há identificação de autoria, sendo, na maioria das vezes, indicada como fonte “Academia Ubuntu”.

Em busca de significado para a designação “Ubuntu”, encontramos, em enciclopédias on-line de acesso livre e em sites diversos, informações que resumimos aqui. Ubuntu é representativa de certas comunidades africanas, remetendo a uma noção de fraternidade existente nas línguas “zulu e xhosa, faladas pelos povos da África Subsaariana”.⁵ Exprime um modo de viver que, segundo Domingues (2015, s/p), opõe-se “ao narcisismo e ao individualismo tão comuns na nossa sociedade capitalista neoliberal”.

Na África do Sul, essa noção, que exprime a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade, ligou-se à história da luta contra o *Apartheid*, tendo inspirado Nelson Mandela em uma política de reconciliação nacional. De maneira geral, Ubuntu é uma filosofia de vida que implica abertura, apoio e disponibilidade para os outros – “sou o que sou pelo que nós somos”.

Com base nessa filosofia, foi criada a Academia Ubuntu, sediada na Guiné-Bissau, para a preparação de líderes contra a exclusão social, com o objetivo de “capacitar os participantes para que sejam agentes de transformação no seio das suas comunidades, ajudando-os a desenvolver e consolidar competências de liderança e de serviço à comunidade”.⁶

Ubuntu também é nome de um *software* aberto e gratuito⁷ inspirado nessa filosofia, o que pode explicar a menção de Márcio Okabe, *webinsider*, à estória africana.

5. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia)). Acesso em: 17/06/2017.

6. Disponível em: <http://www.academiaubuntuguinebissau.org/>. Acesso em: 17/06/2017.

7. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu>. Acesso em: 17/06/2017.

A partir da seleção do texto, passamos à análise de discurso,⁸ aplicando os seis sistemas discursivos apresentados por Martin e Rose (2008) nesta sequência: Ideação e Conjunção – metafunção ideacional; Identificação e Periodicidade – metafunção textual; Negociação e Avaliatividade – metafunção interpessoal. Também fazemos algumas conexões dos resultados obtidos na análise com o contexto de cultura em que o texto “Ubuntu” está situado.

Sistemas discursivos

Analisar discurso na perspectiva sistêmico-funcional requer uma abordagem ampla dos pressupostos hallidayanos. É importante ter em consideração o contexto em que o discurso é realizado e percebê-lo como situado em um acontecimento da vida real. O discurso sempre está atravessado por significados de três espécies, que se cruzam internamente e cuja partição só é aceitável para fins de análise. Os significados a que nos referimos aqui são aqueles representativos das três metafunções da linguagem: representar o mundo (metafunção ideacional), organizar a informação (metafunção textual) e estabelecer relações entre os participantes do evento discursivo (metafunção interpessoal).

A metafunção ideacional realiza-se, na função experiencial, por meio do sistema de transitividade, em que processos, participantes e circunstâncias concorrem para a representação da experiência. Outra função adjunta à metafunção ideacional

8. Nossa análise é de orientação estritamente qualitativa, embora alguns dados quantitativos tenham sido importantes para a obtenção dos resultados.

destina-se às relações lógico-semânticas que servem para estabelecer elos entre as orações.

A linguagem também tem por objetivo organizar a mensagem, estabelecendo, assim, o fluxo da informação que é dada pelo texto – é a metafunção textual. Esta se assenta na constituição dos Temas e dos Remas das orações e também na sequenciação da informação, se dada ou nova.

As relações interpessoais manifestam-se por meio do sistema de MODO. O texto realiza as funções de fala apresentadas por Halliday (1989, 1994): ofertar ou solicitar informações e ofertar ou solicitar bens e serviços. Concorrem também para a percepção da metafunção interpessoal, a polaridade e a modalidade.

Dentre os estudos de análise de discurso sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional no Brasil, citamos aqueles realizados no âmbito do Projeto SAL (*Systemics across Languages*), um projeto internacional coordenado em parceria por três importantes systemicistas: Profa. Dra. Leila Barbara (PUC-São Paulo), Prof. Dr. Kasuhiro Teruya e Prof. Dr. Christian Matthiessen (ambos da Polytechnic University of Hong Kong). O projeto SAL agrega pesquisadores representativos de todos os estados brasileiros e está voltado para a descrição de línguas como português, inglês e espanhol.

Dentre os mais representativos, citamos Fuzer (2008), que analisou atores sociais, operadores do Direito, nos autos de um processo penal; Barbara e Gomes (2010), que investigaram a representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira; Silva (2012), que pesquisou representações de homossexuais no contexto midiático brasileiro; Rodrigues Jr. (2008), que discutiu características de relatos de aprendizes brasileiros de inglês com base no sistema de ideação; Bonfim (2009), que analisou cordéis sob a perspectiva da Análise do Discurso Crítica e da Linguística

Sistêmico-Funcional; Cabral (2007), que investigou a categoria julgamento em colunas de opinião política sobre a expulsão de Larry Rother, jornalista americano, que fez duras críticas ao então Presidente Luís Inácio Lula da Silva. Em textos multimodais, o discurso por meio da complementaridade intersemiótica foi objeto de pesquisa de Gehrke (2015) em microcrônicas verbo-visuais, gênero emergente investigado em sua tese.

Para instrumentalizar a análise de discurso, Martin e Rose (2007) apontam seis sistemas discursivos que se cruzam e recobrem as três metafunções da linguagem interagindo em um texto. Na sequência, apresentamos uma breve revisão teórica de cada um desses sistemas, exemplificando com a análise do texto.

Sistema de Ideação

A Ideação contempla os significados ideacionais experienciais que realizam o campo de um texto, como tipo e conteúdo do discurso, sequência de atividades realizadas pelos participantes, descrição das pessoas e das coisas envolvidas e associadas a qualidades e circunstâncias (Martin e Rose 2007). A transitividade, por meio da gramática da oração, organiza a configuração da experiência humana, ao representá-la com pessoas, coisas, lugares e qualidades.

Para Martin e Rose (2007), no sistema de Ideação é possível identificar três tipos de relações lexicais: (a) relações taxonômicas; (b) relações nucleares; (c) sequências de atividades.

As *relações taxonômicas* constituem as relações entre os elementos no desenvolvimento de um texto, como, por exemplo, classe, gênero, etnia, dentre outros. No texto “Ubuntu”, apresentado na Figura 1, no âmbito das relações taxonômicas, os participantes do texto são o antropólogo e as crianças. O

antropólogo é referido, em sequência, como “um antropólogo”, “que”, “ele”, “o antropólogo”, “tio”, “ele”.

As crianças são referidas, na sequência do texto, como “uma tribo africana”, “as crianças”, “elas”, “a que”, “as crianças”, “se”, “todas as crianças”, “si”, “as crianças”, “todos juntos”, “o primeiro”, “as crianças”, “um de nós”, “todos os outros”, “a tribo”, “daquele povo”.

As coisas, por sua vez, são apontadas como a brincadeira e os doces. Para representar a brincadeira, o autor seleciona “brincadeira inofensiva”, “o sinal”, “linha de partida”, “que”, “o sinal combinado”, “o sinal”, “a competição”. Já os doces são representados como “um pote com doces e guloseimas”, “o”, “o pote”, “todos os doces”, “o pote”, “os doces”, “los”, “tudo o que havia no pote”, “doces”.

Pelo resultado, observa-se que as pessoas são representadas por individualidades (“ele”, “elas”), por coletividade (“todos juntos”, “todos os outros”) ou mesmo por hiperônimo (“daquele povo”). As coisas, por sua vez, são representadas metonimicamente (“brincadeira”/“linha partida”; “o pote”/“os doces”).

As *relações nucleares* constituem as configurações dos elementos dentro de cada oração, como a organização de processo + participante (+ circunstância). O mapeamento das relações nucleares, segundo a transitividade (Halliday e Matthiessen 2004, 2014), revelou a função exercida pelos participantes das orações no texto. No Quadro 1, apresentamos os resultados obtidos quanto ao participante “antropólogo” no texto “Ubuntu”.

QUADRO 1 – Relações nucleares no texto – antropólogo

Dizente	propôs	uma brincadeira inofensiva
Ator	encheu	um pote
Ator	colocou	o
Dizente	chamou	as crianças
Dizente	combinou	que quando desse o sinal
Comportante	deu o sinal	-
Ator	foi ter	-
Dizente	perguntou	por que razão tinham ido ...
Portador	ficou	desconcertado
Ator	trabalhar	-
Experienciador	estudando	a tribo
Experienciador	tinha compreendido	a essência daquele povo

O participante antropólogo exerce papéis diversos: inicia como Dizente e Ator, passa a Comportante e depois Experienciador, quando reflete sobre a lição que as crianças lhe deram.

O Quadro 2 expõe os resultados obtidos em relação aos participantes crianças.

QUADRO 2 – Relações nucleares no texto – crianças

(o antropólogo)	(chamou)	as crianças
Comportante	corriam	-
Portador	ficava	com todos os doces
Comportante	se posicionaram	-
Experienciador	esperaram	pelo sinal combinado
Comportante	deram as mãos	-
Comportante	começaram a correr	-
Comportante	chegaram	-
Ator	distribuíram	os doces
Ator	começaram a comê-	-los
Ator	tinham ido	todos juntos
Ator	a chegar	-
Portador	ficaria	com tudo []
Ator	comeria	muito mais doces
Dizente	responderam	Ubuntu, tio. (...)
Portador	poderia ficar	feliz
Portador	estivessem	tristes

Os participantes crianças exercem papéis ativos – começam como Comportantes, passam a Atores (quando inicia a brincadeira, quando comem os doces) e, por fim, tornam-se Portadores (“feliz”, “tristes”). Em apenas uma passagem as crianças são representadas de modo passivo: quando o antropólogo as chamou. Interessante notar que não há quase complementos nos processos realizados pelas crianças, dando a impressão de que elas bastam a si mesmas na comunidade.

A *sequência* de atividades diz respeito ao fluxo de desenvolvimento do texto e corresponde à sequência de ações realizadas pelos participantes. As atividades, representadas pelos processos que indicam alguma atividade (não consideramos os processos que indicam estado ou são *irrealis*), assim se sucedem no texto analisado: propôs – encheu – colocou – chamou – combinou – corriam – posicionaram – esperaram – deu – deram as mãos – começaram a correr – chegaram – distribuíram – começaram a comê-los – foi ter – perguntou – tinham ido – responderam. Percebemos, pela sequência, que a partir de um processo verbal, este motivador dos fatos presentes no texto, ações materiais, verbais e comportamentais movimentam o fluxo de informação textual.

Sistema de Conjunção

O sistema de Conjunção constrói os significados que interconectam os processos realizados no texto. É a função lógica da metafunção ideacional. Para Martin e Rose (2007), há dois tipos de Conjunção: a externa, que estabelece relações entre as atividades apresentadas no texto, e as internas, responsáveis pela organização interna do texto.

As Conjunções externas são usadas para elaborar, estender e intensificar as relações entre as orações, tanto em

uma relação paratática quanto em uma hipotática, esta última em que há graus de dependência entre as orações de um complexo oracional. A elaboração cumpre o papel de especificar, comentar ou exemplificar o que é informado em outra oração. A extensão tem a tarefa de apresentar um elemento novo ou uma exceção, assim como oferecer uma alternativa ao conteúdo de outra oração vizinha. Já a intensificação tem a função de adornar, de qualificar com uma característica circunstancial de tempo, lugar, modo, causa ou condição (Halliday e Matthiessen 2014). As Conjunções externas podem ser realizadas por itens continuativos como “em acréscimo”, “similarmente”, “em contraste”, “por outro lado”, “assim”, “em conclusão”, dentre outros.

Para fins de ilustração, apresentamos uma análise das Conjunções externas, ou seja, aquelas que unem orações. O Quadro 3 expõe as relações lógico-semânticas construídas no decorrer da estória. Nele, as formas empregadas no encadeamento das orações significam elaboração (+), intensificação por tempo (x), discurso direto (“). As setas à esquerda marcam as ocorrências de elaboração paratática (e, mas, ou), e as setas à direita representam o fluxo de informação, ou seja, o tempo logogenético do texto. Neste caso, a conjunção (e) está implícita, uma vez que a estória precisa ter um desenvolvimento e também um fim. As linhas quebradas, presentes na segunda coluna, indicam a inserção de intensificação no fluxo da informação, situações em que o escritor precisa fazer interferências, a fim de que estória apresente movimento (com o uso de “quando”, indicando tempo, e “e assim”, indicando consequência).

QUADRO 3 – Sistema de Conjunção de texto

	Esta história ilustra bem a ideia que desejo transmitir.
	Um antropólogo [[que estudava os usos e costumes de uma tribo africana]] propôs uma brincadeira inofensiva às crianças.
	Encheu um pote com doces e guloseimas
+	(e) colocou-o debaixo de uma árvore.
	Depois, chamou as crianças
+	(e) combinou que <<...>>, elas corriam para o pote
x	<<(quando) desse o sinal>>
x	e a [[que chegasse primeiro]] ficava com todos os doces[[que estavam lá dentro]].
	As crianças se posicionaram na linha de partida [[que ele desenhou no chão]]
+	(e) esperaram pelo sinal combinado.
x	(Quando) deu o sinal,
	todas as crianças deram as mãos
+	(e) começaram a correr em direção à árvore [[onde estava o pote]].
x	(Quando) lá chegaram,
+	distribuíram os doces entre si
+	(e) começaram a comê-los.
	O antropólogo foi ter com as crianças
+	(e) perguntou
“	por que razão tinham ido todos juntos
x	(quando) o primeiro [[a chegar]] ficaria com tudo [[que havia no pote]]
x	(e) assim comeria muito mais doces.
	As crianças responderam: “Ubuntu, tio.
	Como poderia um de nós ficar feliz
x	(se) todos os outros estivessem tristes?”
	Ele ficou desconcertado!
	Meses e meses a trabalhar,
+	estudando a tribo,
+	(e) não tinha compreendido, de verdade, a essência daquele povo.
+	(Ou) jamais teria proposto a competição...

As Conjunções que ligam as orações estabelecem relações lógico-semânticas de extensão e intensificação. Em extensão, prevalece o campo semântico da adição, em que informações são acrescentadas conforme o fluxo de desenvolvimento do texto.

Quanto à elaboração paratática, a Conjunção “e” apresenta o maior número de ocorrências (6 vezes), seguida de “quando” (4 vezes), como no Exemplo 1.

Exemplo 1

Depois, chamou as crianças **E** combinou que, quando desse o sinal, elas corriam para o pote **E** a que chegasse primeiro ficava com todos os doces que estavam lá dentro.

Nesse exemplo, a Conjunção “e” estabelece uma relação de elaboração paratática, que marca a sequência dos fatos no texto, permitindo o fluxo de informação. Em outra passagem, “e” é empregado com o sentido de contraexpectativa, em que o resultado esperado pelo antropólogo não se concretiza, como na passagem a seguir.

Exemplo 2

Meses e meses a trabalhar, estudando a tribo, **E** não tinha compreendido, de verdade, a essência daquele povo.

Nessa oração, “e” pode ser substituído por “mas”. Aqui parece que o autor do texto quer demonstrar ao seu leitor que o desvio da expectativa do antropólogo vem em sentido contrário a tudo o que ele conhecia e que podia esperar. Na passagem, “e” é responsável pela reflexão final que o escritor faz, esta carregada de surpresa para o antropólogo.

Outras relações lógico-semânticas empregadas no texto são “se” e “ou” nos excertos a seguir.

Exemplo 3

As crianças responderam: “Ubuntu, tio. Como poderia um de nós ficar feliz **SE** todos os outros estivessem tristes?”

Exemplo 4

Ele ficou desconcertado! Meses e meses a trabalhar, estudando a tribo, e não tinha compreendido, de verdade, a essência daquele povo. **OU** jamais teria proposto a competição...

Também há ocorrências de intensificação hipotática nos seguintes excertos:

Exemplo 5

QUANDO deu o sinal, todas as crianças deram as mãos e começaram a correr em direção à árvore onde estava o pote.

Exemplo 6

QUANDO lá chegaram, distribuíram os doces entre si e começaram a comê-los.

Exemplo 7

Depois, chamou as crianças e combinou que, <<quando desse o sinal >>, elas corriam para o pote **E** a [[que chegasse primeiro]] ficava com todos os doces [[que estavam lá dentro]].

Em 5 e 6, “quando” faz-se necessário para atender o tempo dos fatos contados na estória. Já “e” em “e a que chegasse primeiro” tem como forma ágnata “de modo que”, indicando a consequência estabelecida pelo antropólogo para quem vencesse a competição.

Pelo Quadro 3, percebemos que os encaixamentos não estão ligados à sucessão de fatos que são apresentados no texto. Eles não fazem o fluxo do texto andar, mas são pequenas paradas para esclarecer o leitor. É grande o número de encaixamentos, uma vez que, pela oração relativa definidora, o narrador precisa

situar o leitor sobre quem é o antropólogo (“[[que estudava os usos e costumes de uma tribo africana]]” e as coisas: os doces (“[[que estavam lá dentro]]”), a linha de partida (“[[que ele desenhou no chão]]”), a árvore (“[[onde estava o pote]]”), tudo, ou seja, todos os doces (“[[que havia no pote]]”).

Notemos que as crianças não recebem definição na forma de encaixamento, talvez porque não seja tão necessário caracterizá-las por esse recurso de criação de significado. Dentre os nove encaixamentos, o antropólogo recebe apenas uma definição, e os objetos são fartamente especificados, o que demonstra a objetivização e importância do acontecimento: a maior carga de informação é dada aos objetos e não às crianças, que constituíam o motivo da pesquisa do antropólogo.

Pelo exposto, podemos observar que o fluxo de informação é homogêneo, em que a extensão paratática faz o texto evoluir. Apenas em seis orações a intensificação hipotática se faz presente. São inserções que o autor faz no texto, a fim de marcar a sequência temporal do acontecimento dos fatos.

A elaboração paratática predomina, o que se pode esperar de um texto que apresenta uma pequena estória que tenha cunho pedagógico. Não pode o usuário da estória empregar estruturas gramaticais muito complexas, pois corre o risco de que seu objetivo inicial seja perdido devido à complexidade da linguagem e à variedade de conexões feitas no nível externo do texto.

Sistema de Identificação

O sistema de Identificação, relacionada à metafunção textual, abrange os recursos de coesão gramatical e semântica empregados no desenvolvimento de um texto. É empregado para apresentar os participantes ou as coisas que fazem parte do universo do texto. Uma vez realizada a apresentação, as pessoas e as coisas vão sendo indicadas, retomadas ou lembradas para o leitor, respeitando o tempo logogenético do texto.

Alguns recursos empregados no sistema de Identificação são a anáfora, a catáfora, a exófora, a endófora, além da sinonímia, da quase-sinonímia, dos termos superordenados ou mesmo da repetição ou da colocação (Halliday e Hasan 1976), recursos que concorrem também para a identificação do gênero de texto (Martin e Rose 2007).

Voltando à caracterização de pessoas, coisas, abstrações ou fatos, é importante que analisemos como os participantes são apresentados e definidos no texto. Vimos, na análise do sistema de Ideação, que há dois participantes pessoas na estória: o antropólogo e as crianças, apresentados ao leitor na sequência exposta no Quadro 4.

Quadro 4 – Identificação de “antropólogo” e “crianças” no texto

antropólogo	crianças
Um antropólogo [[que estudava os usos e costumes de uma tribo africana]]	às crianças
(ele)	
(ele)	
(ele)	as crianças
(ele)	
Elas	
< <(ele)> >	
a [[que chegasse primeiro]]	
As crianças	se
(elas)	
todas as crianças	
(elas)	
(elas)	
(elas)	Si

(elas)	
O antropólogo	as crianças
(elas)	
(ele)	
todos	Juntos
o primeiro [[a chegar]]	
(ele – o primeiro)	
As crianças	
	Tio
um de nós	Feliz
todos os outros	Tristes
Ele	Desconcertado
(ele)	a tribo
(ele)	a essência daquele povo
(elê)	

As coisas e as semioses são representadas/identificadas como consta no Quadro 5.

QUADRO 5 – Identificação de coisas no texto

Um antropólogo [[que estudava os usos e costumes de uma tribo africana]]	uma brincadeira inofensiva às crianças.
(ele)	
(ele)	
(ele)	um pote
(ele)	-o
Elas	as crianças
<< (ele) >>	
a [[que chegasse primeiro]]	se o sinal

As crianças	com todos os doces [[que estavam lá dentro]].
(elas)	
(ele)	se
todas as crianças	pelo sinal combinado.
(elas)	
(elas)	o sinal,
(elas)	
(elas)	os doces
	los
O antropólogo	
(ele)	com as crianças
todos juntos	
o primeiro [[a chegar]]	
(ele – o primeiro)	com tudo [[que havia no pote]] muito mais doces.
As crianças	
um de nós	tio.
todos os outros	feliz
	tristes
Ele	
(ele)	desconcertado
(ele)	
(ele)	a tribo,
	a essência daquele povo.
(ele)	
	a competição...

A análise da identificação dos participantes demonstra que há pouca presença de semiose (“história”) ou abstração (“usos de costumes”, “a essência daquele povo”). A representação de “brincadeira” ocorre por colocação (Halliday e Hasan 1976), em que o campo semântico (“sinal”, “linha de partida”) é empregado para sinalizar os movimentos e as regras da “competição”, este último um quase-sinônimo que dá o tom de disputa que o antropólogo queria que se realizasse. Pela reação

das crianças, vemos que, para elas, a atividade foi mesmo uma brincadeira, seguindo a filosofia Ubuntu, não uma disputa entre iguais. Os objetos, por sua vez, pertencem ao campo semântico de guloseimas, as quais, na cultura ocidental, têm grande poder de atração das crianças. Para apresentar o recipiente, o escritor emprega inicialmente “um pote”, fazendo uso do artigo indefinido e passando logo após a referir-se ao objeto como “o pote”, desta vez definitivizado, pois já havia sido identificado anteriormente. Semelhantemente, “doces e guloseimas” não recebem dêitico algum no início do texto, mas logo após dois recursos são empregados ao mesmo tempo: o emprego do termo mais genérico “os doces” e a definitivização com o uso do artigo definido “os”. No fluxo de desenvolvimento do texto, o termo é também lexicalizado como “todos os doces” e “muito mais doces”. Tais recursos são empregados porque o escritor, que já apresentou os objetos ao leitor, neste momento presume que essas coisas já são conhecidas pelo leitor.

O pronome indefinido “tudo” opera como um dêitico que sumariza o conteúdo do pote. Notemos que entre “pote” e “doces” existe uma relação metonímica, em que o continente (“o pote”) passa a ser representado pelo conteúdo (“os doces”). O oblíquo “los”, em “e começaram a comê-los”, constitui, por meio da pronominalização, anáfora de “os doces”.

É importante ressaltar que, no texto, a brincadeira e os objetos são representados em número muito superior à semiose e às abstrações. Isso se justifica pelo fato de “história” ter sido usada cataforicamente, uma vez que aponta para todos os fatos que constituem o fluxo de informação do texto.

Sistema de Periodicidade

O sistema de Periodicidade, também da metafunção textual, é o principal responsável pelo fluxo de informação na logogênese do texto, ou seja, o modo como o escritor faz o

texto progredir. Partindo das noções hallidayanas de Tema e Rema, a Periodicidade estabelece o curso dos “movimentos” no texto, também compreendidos como etapas na construção dos gêneros – é o que Martin e Rose (2007) chamam de hierarquia de Periodicidade. Em Linguística Sistêmico-Funcional, qualquer mensagem apresenta uma organização interna constituída de seu ponto de partida – o Tema –, seguido de uma expansão – o Rema. Na estrutura informacional do texto, Halliday (1994) aponta dois outros elementos, que podem ou não coincidir com o Tema e o Rema – o Dado e o Novo. O Dado é a informação “velha”, já conhecida do leitor, e o Novo constitui uma informação ainda não apresentada pelo escritor, ou seja, a novidade que faz o texto despertar a curiosidade do leitor. Tanto a estrutura temática quanto a estrutura informacional auxiliam a identificação das etapas e fases dos gêneros textuais.

Neste sistema, abordamos os Temas e os Remas que constituem cada porção de informação do texto “Ubuntu” conforme Quadro 6, a seguir.

Analisando a constituição do fluxo do texto, podemos perceber que há apenas duas ocorrências de Temas interpessoais, ambas indicando a função de fala pergunta. A primeira é enunciada pelo antropólogo, que solicita informações às crianças acerca da razão do comportamento delas. A segunda, embora no modo oracional interrogativo, constitui-se numa justificativa para a resposta declarada anteriormente, demarcando uma reação exclamativa em tom de pergunta, funcionando como uma metáfora interpessoal (ver subseção sobre o sistema de negociação).

QUADRO 6 – Periodicidade do texto “Ubuntu”

Tema Textual	Tema Interpes.	Tema Tópico	Rema	Orientação
		Um antropólogo [[que estudava os usos e costumes de uma tribo africana]]	propôs uma brincadeira inofensiva às crianças.	
E		(Ele)	Encheu um pote com doces e guloseimas	
E		(ele)	colocou-o debaixo de uma árvore.	
		Depois,	chamou as crianças	
		(ele)	combinou	
		elas	que < (...)> > , corriam para o pote	
		(ele)	< < quando desse o sinal > >	
E		a [[que chegasse primeiro]]	ficava com todos os doces[[que estavam lá dentro]].	
		As crianças	se posicionaram na linha de partida [[que ele desenhou no chão]]	Registro – evento 1
E		(elas)	esperaram pelo sinal combinado.	
Quando		(ele)	deu o sinal,	
		todas as crianças	deram as mãos	
E		(elas)	começaram a correr em direção à árvore [[onde estava o pote]].	
Quando		(elas)	lá chegaram,	Registro – evento 2
		(elas)	distribuíram os doces entre si	
		(elas)	começaram a comê-los.	

		O antropólogo			
E		(ele)	foi ter com as crianças		Registro – evento 3
	por que razão	(elas)	perguntou		
Quando		o primeiro [[a chegar]]	tinham ido todos juntos		
e assim		(o primeiro [[a chegar]])	ficaria com tudo [[que havia no pote]]		
	Como poderia	As crianças	comeria muito mais doces.		
		um de nós	responderam: “Ubuntu, tio.		
Se		todos os outros	ficar feliz		
			estivessem tristes?”		
		Ele	ficou desconcertado!		Coda – reflexão
		Meses e meses	a trabalhar,		
		(ele)	estudando a tribo,		
E		(ele)	não tinha compreendido, de verdade, a essência daquele povo.		
Ou		(ele)	jamais teria proposto a competição...		

Embora em posição não temática, constitui uma marca de interpessoalidade bastante importante para a compreensão da estória o vocativo na fala das crianças: “Ubuntu, tio”. A escolha lexical “tio” deixa transparecer afetividade por parte das crianças, que, nesse momento, não viam o antropólogo como um pesquisador e como um estranho à tribo. Viam-no com afeto, como alguém que, mesmo sendo *outsider*, pertencia a suas famílias e era considerado já um parente. A relação entre as personagens revela a função interacional do texto, que, para Thompson e Thelela (1994), projeta o escritor-no-texto e o leitor-no-texto.

Percebemos que os Temas são relativamente constantes: “antropólogo” e “crianças”, textualizadas em diferentes formas (“ele”, “elas”, “a que chegasse primeiro”, “todos os outros” e também elipses). Notamos que todos os Temas tópicos não marcados são relativos a pessoas, de modo que elas são o ponto de partida constante da mensagem. As informações novas estão sempre no Rema, que é responsável pelo andamento da estória. Todas as ações das personagens sucedem-se em posição remática.

O Tema tópico marcado realizado por Circunstâncias de localização no tempo (“Depois” e “Meses e meses”), bem como os Temas textuais, realizados por conjunções (como “e”, “quando”, “e assim”, que já tratamos na seção “conjunção”) são importantes recursos para sinalizar a sequência cronológica dos eventos que constituem a estória – neste caso, um relato.

Na relação entre ponto de partida da mensagem e etapas do gênero, percebemos que, na etapa Orientação, o Tema principal é o antropólogo, o que se justifica pelo fato de ele propor a brincadeira, uma vez que pretendia observar os usos e costumes daquela tribo.

Na etapa Registro, especificamente nas fases eventos 1 e 2, o Tema passa a ser as crianças, que são as agentes da brincadeira. Na fase evento 3, o ponto de partida da mensagem

apresenta configuração diferente: inicialmente, o antropólogo é o Tema tópico, uma vez que ele é quem inicia a conversa com as crianças. Notemos que as crianças são, nesta fase, representadas por “o primeiro [[a chegar]]”, o que é repetido pela elipse na oração seguinte. Ressaltamos que o processo “chegar”, que consta nos dois respectivos Remas, representa uma modalidade *irrealis*, uma vez que não houve uma primeira criança a chegar à linha desenhada no chão. O Tema Interpessoal (“Por que razão”) que introduz a pergunta do antropólogo indica a sua curiosidade sobre o motivo do comportamento das crianças.

Na sequência, o Tema volta a ser “as crianças”, uma vez que a apresentação dos fatos se desloca para as personagens infantis que participaram da brincadeira. Em posição remática, o escritor coloca a resposta das crianças: “Ubuntu, tio”. A filosofia de vida da tribo africana é revelada na informação Nova, realizada em tom de questionamento: “Como poderia um de nós ficar feliz se todos os outros estivessem tristes?”.

O texto finaliza com a etapa Coda, em que o contexto inicial é retomado (estudar os usos e costumes da tribo africana), com ênfase na reflexão, por parte do antropólogo, do resultado da brincadeira. Nessa fase, “ele” em posição temática indica o deslocamento do foco da estória para a avaliação final que o antropólogo faz sobre usos e costumes da tribo, destacando-se, nos Remas, a incompreensão da realidade com que estava trabalhando e da qual passou a ter consciência depois da atitude das crianças.

Sistema de Negociação

Abriada na metafunção interpessoal, a Negociação consiste nas trocas de significados entre os participantes que acontecem tanto externa quanto internamente ao texto – modo interativo e modo interacional (Thompson e Thelela 1995). Trabalha com os significados dialógicos do texto e é

caracterizado pelas funções da fala dos interactantes. Todo ato de fala é uma troca, seja para ofertar ou solicitar. Nessa troca, o falante/escritor pode oferecer ou solicitar informações ou bens e serviços. Quando ele oferta informação, emprega declarações e realiza proposições; quando solicita informação, faz perguntas. Para solicitar bens ou serviços, o falante/escritor realiza propostas, fazendo uso de comandos, e para ofertar bens ou serviços lança mão de várias formas de dizer. Outros recursos podem ainda ser empregados na interação entre os participantes do evento comunicativo, recursos esses não congruentes com as funções de fala. As metáforas interpessoais servem a esse propósito. Um exemplo de situação em que a metáfora é empregada pelo falante/escritor realiza-se com o emprego de uma declaração pragmaticamente orientada por um comando.⁹

Ainda na Negociação, é relevante o trabalho de Thompson e Thetela (1995), que veem como importante atentarmos para duas categorias de papéis exercidos pelos interactantes em um texto escrito: a relação entre escritor e leitor e a relação do escritor-no-texto com o leitor-no-texto. À primeira, Thompson e Thetela (1995) denominam papel interativo; à segunda, papel interacional. Significa que há duas instâncias de interação: aquela em que o autor de um texto oferta ou solicita informação ou bem e serviço, e aquela que ocorre internamente ao texto, como, por exemplo, a inter-relação entre os personagens de uma estória.

Externamente, as relações interativas, referentes à troca entre escritor e leitor no contexto em que o texto “Ubuntu” foi usado e estamos considerando nesta análise, são realizadas por dois participantes importantes do ato comunicativo: o contador da estória (considerado anônimo pelos que a reproduzem, como Márcio Okabe, na página “Webinsider”) e o leitor da página web. A estória é antecedida de outros dois textos: uma exposição

9. Por exemplo, dizer “Como aqui está quente” quando se deseja que o ouvinte abra a janela ou ligue o ar condicionado.

escrita que segue um vídeo gravado por Okabe em que fala sobre o fenômeno dos infoprodutos (estratégias de *marketing* digital e vídeos que oferecem cursos com soluções para superar a crise no setor empresarial). No modo interativo, Márcio Okabe oferece informação aos seus leitores, tornando o texto aparentemente uma grande proposição, como o próprio escritor revela: “Esta história ilustra bem a ideia que desejo transmitir”¹⁰. A “ideia” tem valor pedagógico: orientar empresários a trabalharem cooperativamente, em vez de comprarem infoprodutos. Nas palavras de Okabe, “uma equipe multidisciplinar com pessoas de diferentes competências – conteúdo, marketing digital, vídeos, *copywriting* etc. – que crie projetos colaborativos e aprendam juntos terá chances muito maiores para atingir o sucesso”¹¹. A estória “Ubuntu” serve a esse propósito, na medida em que ilustra a ideia de trabalho cooperativo em ação, envolvendo o leitor.

Internamente ao texto, as relações entre antropólogo e crianças ocorrem de maneira diferente, uma vez que várias funções de fala (Halliday e Matthiessen 2014) são empregadas no decorrer da estória. Em “Um antropólogo (...) propôs uma brincadeira inofensiva às crianças”, o pesquisador utiliza uma modulação, pois solicita às crianças um serviço – realizar a brincadeira – com o que elas concordam. Também são evidências de proposta as passagens “chamou as crianças e combinou que quando desse o sinal (...)”.

No decorrer da estória, o antropólogo “foi ter com as crianças e perguntou por que razão tinham ido todos juntos (...)”, desse modo solicitando informações e empregando uma proposição. As crianças atendem à solicitação, respondendo ao antropólogo usando inicialmente uma resposta (“Ubuntu, tio”). Entretanto, as crianças devolvem ao “tio” uma outra

10. Okabe, M. *Sobre fórmula de lançamento e infoprodutos*. Publicado em: 03 jun. 2017. Disponível em: <webinsider.com.br/2017/06/03/sobre-formula-de-lancamento-e-infoprodutos>. Acesso em: 19 jul. 2017.

11. Idem. Grifo nosso.

pergunta “Como poderia um de nós ficar feliz se todos os outros estivessem tristes?”), que, interpessoalmente metafórica, expressa não o desejo de prontidão na resposta, mas a reflexão sobre o acontecido. Metaforicamente, a pergunta tem a função de proposta, em que as crianças solicitam um serviço ao antropólogo: “Pense!”.

Sistema de Avaliatividade

Assim como o sistema de Negociação, o de Avaliatividade recobre a metafunção interpessoal (Halliday e Matthiessen 2004, 2014). O sistema de Avaliatividade está organizado para que identifiquemos, nos textos, as avaliações que são feitas em relação a pessoas, coisas, fenômenos ou acontecimentos. Três subsistemas compõem o sistema de Avaliatividade: atitude, engajamento e gradação.

A atitude envolve avaliações positivas ou negativas relativas a afeto (= emoção), julgamento (= ética) e apreciação (= estética). O engajamento carrega em si o conceito bakhtiniano de heteroglossia (Bakhtin 1981, p. 428), que permite uma multiplicidade de vozes sociais e uma grande variedade de ligações e inter-relações por meio de diferentes linguagens e tipos de elocução. São as vozes que se fazem presentes no texto, ou abrindo o espaço dialógico (expansão), ou fechando-o (contração).

O terceiro subsistema da Avaliatividade é a gradação, que representa a escala de intensidade das avaliações em termos de força e de foco. A força abrange categorias que indicam intensidade ou quantidade. Realiza-se por meio de itens lexicais intensificadores (muito, mais, bastante, pouco, dentre outros) ou que denotam quantificação (poucos, vários, muitos, uma grande quantidade de etc.). Já o foco diz respeito a categorias não passíveis de gradação e instancia em termos de precisão,

em que a participação em uma categoria é reforçada (real, típico) ou abrandada (um tipo de, uma espécie de).

No texto “Ubuntu”, focalizamos o campo semântico de atitude e tecemos algumas considerações sobre a gradação. As avaliações explícitas de atitude são em pequeno número no texto. Há três ocorrências de afeto. Em “Como poderia um de nós ficar *feliz* se todos os outros estivessem *tristes*?”, encontramos duas avaliações: a primeira do tipo felicidade e a segunda in/felicidade, com as quais as crianças fazem a oposição entre o egoísmo e a solidariedade, esta última presente nos usos e costumes da tribo. Também detectamos, na passagem “Ele ficou *desconcertado*”, uma avaliação de afeto do tipo insegurança, ao constatar que suas pesquisas tinham sido em vão e sua compreensão tinha sido apenas parcial quanto aos resultados obtidos no tempo em que esteve com a tribo.

Também localizamos o epíteto “inofensiva” que indica uma apreciação em “brincadeira *inofensiva* às crianças”. Aqui a atividade sugerida é avaliada em termos de valor, já que a brincadeira não causaria mal entre as crianças.

As avaliações de julgamento estão implícitas na estória. Em “todas as crianças *deram as mãos* e começaram a correr”, o escritor já fornece pistas para o leitor de que o grupo de crianças cultivava a solidariedade e que isso era uma marca importante da tribo, passada de pais para filhos. Esse julgamento é do tipo sanção social, do campo da propriedade. É uma característica moral e ética de toda a tribo africana, em que o sucesso de todos é mais importante que o sucesso de um só.

Já na passagem “Meses e meses a trabalhar, estudando a tribo, e *não tinha compreendido*, de verdade, a essência daquele povo”, o antropólogo faz um juízo de sua incapacidade, pelo fato de não ter percebido a principal característica dessa comunidade de africanos. É uma avaliação implícita e negativa de estima social.

Chama a atenção o grande número de ocorrências de gradação do tipo força empregado no texto, especialmente de quantificação. Algumas delas são: “a que chegasse primeiro ficava com *todos* os doces que estavam lá dentro”, “Quando deu o sinal, *todas* as crianças deram as mãos”, “por que razão tinham ido *todos* juntos”, “o primeiro a chegar ficaria com *tudo* que havia no pote e assim comeria muito *mais* doces”, “Como poderia *um de nós* ficar feliz se *todos* os outros estivessem tristes?”. Pelos exemplos, percebemos que os pronomes indefinidos (*todos*, *todas*, *todos*, *tudo*, *todos*) foram os mais empregados para indicar gradação do tipo quantificação. O partitivo “um de nós” é empregado pelas crianças em oposição a “todos nós”.

Outro recurso empregado pelo escritor para indicar quantificação é a repetição: “*Meses e meses* a trabalhar”, o que pode ser entendido como “muitos meses”. Em “a que chegasse *primeiro* ficava com *todos* os doces”, percebemos uma combinação entre gradação por número e por extensão. Justificamos nossa observação tendo em vista que, dentro da normalidade, apenas uma criança chegaria em primeiro lugar (número) e que esta mesma criança estaria à frente de todas as outras (extensão).

Identificamos a presença de apenas uma passagem com gradação do tipo foco: “e não tinha compreendido, *de verdade*, a essência daquele povo”, com a qual o antropólogo se dá conta de que sua compreensão acerca daquele povo não era compatível com a realidade.

Considerações finais

Na perspectiva sistêmico-funcional, o exame dos discursos dos falantes/escritores possibilita sistematizar a linguagem em uso nos mais diversos contextos sociais. Toda

manifestação de linguagem implica escolhas que representam experiências, estabelecem relações interpessoais e organizam os significados em forma de textos, concebidos como instanciações de uma rede de sistemas que concorrem para a sua realização. O discurso é, assim, o resultado das escolhas linguísticas instanciadas em textos, carregado de significados que refletem um contexto específico, cujos valores e ideologias tornam-se realidade.

A análise de discurso orientada pelos seis sistemas discursivos desenvolvidos por Martin e Rose (2007) com base em princípios hallidayanos (Halliday 1985, 1994; Halliday e Matthiessen 2004, 2014) permite-nos desvelar alguns significados que vão além da obviedade sobre o texto “Ubuntu”, uma das tantas histórias de autoria desconhecida que circulam na sociedade.

Vinculados à metafunção ideacional, os sistemas de Ideação e Conjunção evidenciam, respectivamente, os papéis exercidos pelos participantes das experiências representadas nas orações e as relações lógico-semânticas entre as orações que constituem o texto. No âmbito da Ideação, o antropólogo, que inicialmente, no papel de Dizente e Ator, propõe uma atividade às crianças, passa a Comportante e depois Experienciador, quando reflete sobre a lição que as crianças lhe deram. As crianças, por sua vez, começam desempenhando o papel de Comportante, passam a Ator e Dizente e, por fim, tornam-se Portador de atributos que remetem a emoções (felicidade e tristeza). Essa análise possibilita observar o enfoque que é dado às crianças, que vai do particular para o geral, especialmente na resposta que traz o contraponto entre “cada um” e “todos os outros”. A resposta resume a filosofia Ubuntu: um só pode ficar feliz se todos os outros também estiverem felizes.

No sistema de Conjunção, prevalece a relação lógico-semântica de extensão paratática por adição, em que informações são acrescentadas conforme o fluxo de desenvolvimento do

texto. Para marcar explicitamente a sequência temporal dos fatos, são usadas orações com intensificação hipotática. Os encaixamentos, diferentemente, funcionam como pausas para esclarecer o leitor acerca do antropólogo e das coisas envolvidas no acontecimento, especialmente por meio de orações relativas definidoras. Esses tipos de relação lógico-semântica são previsíveis de histórias que tenham cunho pedagógico, para o que se empregam tipicamente estruturas gramaticais menos complexas, com baixa variedade de conexões feitas no nível externo do texto, a fim de facilitar o acompanhamento do fluxo de informações pelo leitor/ouvinte.

Abrigados na metafunção textual, estão os sistemas de Identificação e Periodicidade. A análise da Identificação dos participantes revela a representação de “brincadeira” por colocação (Halliday e Hasan 1976), em que o campo semântico (“sinal”, “linha de partida”) é empregado para sinalizar os movimentos e as regras da “competição”, que dá o tom de disputa esperada pelo antropólogo. A reação das crianças, entretanto, evidencia que, para elas, a atividade foi mesmo uma brincadeira, seguindo a filosofia Ubuntu, não uma disputa entre iguais. No fluxo de desenvolvimento do texto, a brincadeira e os objetos são representados em número superior à semiose (“história”) e às abstrações (“costumes”).

Com relação ao sistema de Periodicidade, o texto tem como Temas tópicos recorrentes “antropólogo” e “crianças”, configurando-se como o ponto de partida constante da mensagem. As ações das personagens sucedem-se em posição remática, como informações novas responsáveis pelo andamento da história. Temas tópicos marcados (circunstâncias de localização) e temas textuais (conjunções) destacam a sequência cronológica dos eventos que constituem a história, o que contribui para caracterizar o gênero instanciado no texto – neste caso, um relato, constituído das etapas Orientação, Registro de eventos e Coda, com ênfase na reflexão, por parte

do antropólogo, destacando-se a incompreensão da realidade com que estava trabalhando e da qual passou a ter consciência depois da atitude das crianças.

Abrigadas na metafunção interpessoal, a Negociação e a Avaliatividade consistem, respectivamente, nas trocas de significados entre os participantes e nas avaliações que são feitas em relação a pessoas, coisas, fenômenos ou acontecimentos. A análise da Negociação na história “Ubuntu” revela trocas de bens e serviços e, depois, de informações comuns ao propósito pedagógico no contexto em que a história foi usada: ilustrar a ideia de trabalho cooperativo em ação, como parte de um propósito maior no contexto empresarial, que é orientar empresários a trabalharem cooperativamente, em vez de comprarem infoprodutos.

Quanto ao sistema de Avaliatividade, a análise do campo semântico de atitude revelou ocorrências de afeto do tipo felicidade e in/felicidade, com as quais as crianças opõem o egoísmo e a solidariedade (esta última presente nos usos e costumes da tribo), e do tipo insegurança, com a qual o antropólogo constata sua compreensão parcial quanto aos resultados obtidos no tempo em que esteve pesquisando a tribo. As avaliações de julgamento de sanção, implícitas na história, sinalizam a solidariedade como uma característica moral e ética de toda a tribo africana, em que o sucesso coletivo é mais importante que o sucesso individual. Já as avaliações de julgamento de estima social indicam a incapacidade do antropólogo, pelo fato de não ter percebido essa característica essencial da comunidade de africanos. Importante também observarmos a ocorrência de apreciação em relação à brincadeira proposta às crianças, avaliada como “inofensiva”, indicando o valor atribuído pelo pesquisador. Além disso, o número expressivo de ocorrências de gradação do tipo força quantificação sinaliza a importância do todo (comunidade) em detrimento das partes (indivíduos), com o que o escritor pretende realçar a solidariedade que reina

na tribo africana entre todas as pessoas em uma comunidade que não conhece o egoísmo.

A variedade de ocorrências dos três tipos de atitude (afeto, julgamento e apreciação) reforça nossa classificação do texto "Ubuntu" como uma instanciamento do gênero relato, em consonância com a categorização de Martin e Rose (2008).

Os resultados das análises com base nos seis sistemas conduzem à interpretação dos contextos de cultura que se cruzam nessa estória: a cultura ocidental, representada pelo antropólogo, e a africana, representada pelas crianças. Como um dos principais participantes do texto, aquele que aciona o gatilho dos acontecimentos, o antropólogo esperava encontrar, naquele grupo de crianças africanas, o que se pode observar em qualquer grupo humano: o vencedor de uma competição geralmente fica com o prêmio somente para si. Entretanto, as crianças o surpreendem. O texto vai apresentando pistas que conduzem ao desfecho final da estória: as crianças começam a correr de mãos dadas, o que já anuncia o espírito de solidariedade, altruísmo, fraternidade e colaboração presente nelas. Em outros grupos sociais, cada concorrente correria com as mãos livres, de modo a obter a vitória na competição.

A estória exemplifica um comportamento regido pelo sistema de crenças Ubuntu: as pessoas não devem levar vantagem pessoal em detrimento do bem-estar do grupo. Para que uma pessoa seja feliz será preciso que todas do grupo se sintam felizes. A ideia é de conexão uns com os outros, relação que se estende aos ascendentes e descendentes. Do ponto de vista político, o conceito de Ubuntu é usado, conforme Domingues (2015, s/p), para enfatizar a "necessidade da união e do consenso nas tomadas de decisão". A ideia de humanidade é sintetizada no enunciado que usamos como epígrafe neste capítulo: "Eu

sou quem sou, porque somos todos nós!"¹²,¹² segundo a qual uma pessoa só é humana por meio da coletividade e do seu compromisso ético com os outros. Não é difícil percebermos a necessidade de Ubuntu em nossa sociedade, especialmente no contexto político brasileiro.

Referências

- ACADEMIA Ubuntu Guiné-Bissau. Disponível em: <http://www.academiaubuntuguinebissau.org/>. Acesso em: 17/06/2017.
- BAKHTIN, M. (1981). *The dialogic imagination: four essays*. Austin: University of Texas Press.
- BARBARA, L. e GOMES, M. C. A. (2010). "A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais." *Letras*, vol. 20, n° 40, Santa Maria, pp. 67-92, jan/jun.
- BONFIM, J. B. B. (2009). *O gênero do cordel sob a perspectiva crítica do discurso*. Tese de Doutorado. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4931/1/2009_Jo%C3%A3oBoscoBezerraBonfim_Tese.PDF. Acesso em: 01/03/2017.
- CABRAL, S. R. S. (2007). *A mídia e o presidente: um julgamento com base na teoria da valoração*. Tese de Doutorado. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras,

12. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_\(filosofia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu_(filosofia)). Acesso em: 17/06/2017.

- Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/16/TDE-2008-02-25T082743Z-1313/Publico/SARACABRAL.pdf. Acesso em: 20/12/2016.
- CARLING, S. (s/d). *What is discourse?* Chicago: University of Chicago. Disponível em: <http://csmt.uchicago.edu/glossary2004/discourse.htm>. Acesso em: 21/04/2015.
- DOMINGUES, J. E. (2015). *O que a África tem a nos ensinar*. Disponível em: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/ubuntu-o-que-a-africa-tem-a-nos-ensinar>. Acesso em: 30/07/2017.
- FUZER, C. (2008). *Linguagem e representação nos autos de um processo penal: como operadores do direito representam atores sociais em um sistema de gêneros*. Tese de Doutorado em Letras. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/16/TDE-2008-04-29T172547Z-1496/Publico/CRISTIANEFUZER.pdf. Acesso em: 20/12/2016.
- GEHRKE, N. A. (2015). *Foto do dia ou microcrônica verbo-visual: um gênero na perspectiva da Escola de Sydney*. Tese de Doutorado em Letras. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSM_fa415e32e4d17bb647c0e696ab57fda5. Acesso em: 10/02/2017.
- HALLIDAY, M. A. K. (1985). *An introduction to functional grammar*. Londres: Arnold.
- _____. (1989). Part I. In: HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, H. *Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (1994). *An introduction to functional grammar*. 2ª ed. Londres: Routledge.
- _____. (2004). *An Introduction to functional grammar*. 3ª ed. Londres: Hodder Education.
- HALLIDAY, M. A. K. e HASAN, R. (1976). *Cobesion in English*. Londres: Longman.
- HALLIDAY, M. A. K. e MATTHIESSEN, C. M. I. M. (1999). *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. Londres: Continuum.
- _____. (2004). *An introduction to functional grammar*. 4ª ed. Londres: Hodder Education.
- _____. (2014). *An introduction to functional grammar*. 4ª ed. Londres: Routledge.
- MARTIN, B. e RINGHAM, F. (2006). "Key terms in semiotics", in: MARTIN, B. e RINGHAM, F. *Key terms in semiotics*. Londres: Continuum, p. 66. Disponível em: [https://books.google.com.br/books? isbn=1441181997](https://books.google.com.br/books?isbn=1441181997). Acesso em: 03/07/2017.
- MARTIN, J. e ROSE, D. (2007). *Working with discourse: meaning beyond the clause*. Londres: Continuum.
- MARTIN, J. e WHITE, P. (2005). *The language of evaluation: appraisal in English*. Nova York: Palgrave.
- OKABE, M. (2017). *Sobre fórmula de lançamento e infoprodutos*. Disponível em: webinsider.com.br/2017/06/03/sobre-formula-de-lancamento-e-infoprodutos. Acesso em: 19/07/2017.
- RODRIGUES JR., A. S. (2008). "Ideação e avaliatividade em relatos de aprendizes de inglês como língua estrangeira." *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, vol. 8, nº 2, Belo

Horizonte. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982008000200002>. Acesso em: 15/12/2016.

RODRIGUES, R. R. (2009). "Periodicidade, coesão, ideação e avaliação em um corpus literário paralelo bilíngue." *Revista da ABRALIN*, vol. 8, n° 1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rabl.v8i1.52436>. Acesso em: 28/04/2017.

ROSE, D. e MARTIN, J. (2012). *Learning to write, reading to learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Londres: Equinox.

SILVA, R. C. da (2016). "A quarta capa de livros didáticos de inglês à luz da teoria de gêneros discursivos da Escola de Sidney." *Revista do GEL*, vol. 13, n° 1, São Paulo, pp. 157-175.

SILVA, T. S. da (2012). *Irenes: representações sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional*. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/ppgletas/index.php/2-uncategorised/142-dissertacoes-defendidas>. Acesso em: 16/05/2017.

THOMPSON, G. e THETELA, P. (1995). "The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse." *Text* 15, vol. 1, pp. 103-127.

UBUNTU. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ubuntu>. Acesso em: 27/06/2017.

Ensaio II SOCIOLINGUÍSTICA

Maria Cecília Mollica

Daniela Kruse Ramos

Andreia Quadrio

Hadinei Batista

Sobre abrangência de níveis na sociolinguística

Este ensaio levanta aspectos referentes à relação entre gramática e discurso e demonstra a viabilidade de se estudar processos linguísticos dinâmicos do ponto de vista sociolinguístico. É fato, no entanto, que ainda não há uma teoria suficientemente madura que dê conta da inter-relação entre os níveis e conceitos envolvidos, ainda que existam análises qualitativas e quantitativas que levam em conta restrições linguísticas, textuais, discursivas e de outra natureza que descrevem a sistematicidade da variação. Com o propósito de iniciar o debate sobre o diálogo entre os níveis gramatical e discursivo e o estatuto sociolinguístico da linguagem, o presente